



Círculo Mágico: passado em ruínas

Samyres Amaral¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
amaralsamyres@gmail.com

Resumo: “Círculo Mágico” é uma instalação homônima apresentada na Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, em que Rosângela Rennó torna objetos antigos protagonistas de um monólogo que refletem sobre a funcionalidade de sua existência no passado e no presente. Esse agenciamento imagem-texto, passa o imóvel a móvel, dissolvendo tal dicotomia por meio da complexificação da relação espaço-tempo. A mistura de efeitos de luz, objetos e texto em uma instalação estabelece um espaço imersivo que recria o circuito imagético do cinema. Segundo Dan Cameron, as imagens de Rennó são marginalizadas pela sua banalidade e simplicidade, que desafiam a autoridade visual de nosso mundo. Por conta disso, provocam sensações únicas de aceitação e rejeição do passado, fechando seu “círculo mágico”. O objetivo, neste trabalho, é fazer uma escavação arqueológica na obra de Rennó não só para compreendê-la como ruína do tempo, mas também a reconstituição desta ruína como dialética do passado e como a fragmentação da obra de arte permitiu à autora executar essa obra.

Palavras-chave: Ruína - Imagem dialética - Aura - Testemunho

Abstract: "Círculo Mágico" is an immersive space at the Eva Klabin Foundation. Rosângela Rennó, the artist who created this work, was invited to choose 16 objects from the collection of the Foundation archive and move them from their original place or highlight them for the public. The objects are illuminated and speak, they tell something about themselves to the viewer. From Rennó's gesture, the objects gain the status of work of art and tell us how it feels to belong to a collection and to be in this new condition of work of art. The installation gives simple everyday objects the voice and a status of work of art, disorganizing the very meaning of what can be understood as art. Moreover, this monologue is delivered about their existence in the past and in the present, which can raise questions about the human relationship concerning time and memory. The objectives of this work are to understand "Círculo Mágico" as an archaeological excavation in the Eva Klabin collection, perceive how the articulation created by Rennó can be understood as a dialectical relation with the past and how the fragmentation of the work of art granted the author what is needed to perform this work.

Keywords: Ruin - Dialectical Image - Aura - Testemunho

¹ **Samyres Amaral Freitas** é graduanda em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e formada em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense. Integra o Grupo de Pesquisa do Diretório CNPq A literatura brasileira contemporânea e sua crítica, liderado por Karl Erik Schollhammer.



“A diferença entre a técnica e a magia é uma variável totalmente histórica.”

Walter Benjamin

Procedimento Mágico

Sabe que eu me sinto muito bem aqui? Eu gosto muito daqui. Bom, esse aqui não é mesmo o meu lugar. Meu lugar é nessa vitrine aqui ao lado, à esquerda. Mas eu prefiro aqui, não tem formiga, o que é um alívio. Ainda tem aquele mesmo cheirinho de mofo, mas é maisquentinho. Essa luz me aquece. Além do mais aqui me sinto protegida pela Madonna. Eu não deveria dizer isso, afinal de contas a Renascença fez coisas horríveis contra o meu povo. Mas não, ela não. Não acho que ela tenha participado daquela carnificina toda. Ela me parece tão serena. Será que é a maternidade? Maria tem algo de especial no olhar. E tem uma coisa que eu não tenho: um bebê nos braços. Você reparou bem nas minhas mãos? Sinto falta de alguma coisa entre as minhas mãos. Não sei o porquê. Aliás, sei muito pouco sobre minha própria existência... Posso ter sido uma mulher comum, uma índia mexicana comum, nem sei se tenho poderes especiais. Mas ela parece tão superior a mim. Mas isso não me incomoda. Aqui é bom. Eu gostaria de permanecer aqui por mais, pelo menos, uns mil e quinhentos anos. (PROJETO RESPIRAÇÃO, transcrição de áudio nossa s/p).²

Esse testemunho pertence à estátua de uma mulher de pequeno porte, mexicana, que estende seus braços vazios, como quem carrega um bebê. Essa estátua faz parte do Acervo Eva Klabin, uma nobre colecionadora de arte que viveu no início do século XX, e se encontra na casa da mesma, onde hoje é um centro cultural na cidade do Rio de Janeiro. Rosângela Rennó, a artista que disparou este trabalho, foi convidada a escolher 16 objetos da grande coleção do Acervo, para deslocá-los de lugar ou destacá-los para o público, resultando em 14 instalações. A essa exposição ela dá o nome de Círculo Mágico. Os objetos são iluminados e falam, contam algo sobre si próprios para o espectador. Para destacar essas peças, elas ganham uma iluminação especial e quando o espectador passa por elas, sensores de presença fazem os objetos começarem a falar.

² Conferir: <https://www.youtube.com/watch?v=IyIi5ihIxmE&t=4s>.



O Acervo é composto pelos pertences pessoais e objetos de arte clássica que Eva Klabin, em sua vida, colecionou. A coleção está em exposição, aberta ao público, na casa-museu instalada na residência em que a colecionadora viveu. Era uma coleção privada que foi passada para o âmbito público através da apropriação dos saberes especializados da museologia. Por escolha da curadoria, a coleção permanece refletindo o gosto e organização pessoal de sua criadora, deixando o Acervo Eva Klabin em um lugar ambíguo, por preservar características do âmbito privado e público.

A figura dos *arcontes*, definida como os primeiros guardiões do arquivo, tinham o direito e a competência hermenêutica de interpretar os mesmos. Quando uma casa se transforma num museu, passagem de uma instituição a outra, os documentos e materiais são apropriados por saberes disciplinares e tratados a partir dos métodos criados por esses saberes. Em seguida, diversas subjetividades intervêm nesse material com o intuito de organizá-lo. Rennó está intervindo criticamente nas dinâmicas de seleção, catalogação, interpretação e organização feito pelos museólogos (*arcontes*) da casa-museu, deslocando-os temporariamente para criar novos efeitos e sentidos para o material que lhe foi apresentado. Através das mãos da famosa artista contemporânea, os objetos ganham o *status* de obra de arte e nos contam como é fazer parte deste jogo de pertencer a uma coleção e estar nessa nova condição. Por conta dessa característica de lugar ambíguo do Acervo, a instalação dá a objetos simples do dia-a-dia voz e *status* de obra de arte, ou seja, transpõe objetos do mundo cotidiano de Klabin para o mundo da arte, desorganizando o próprio sentido do que pode ser entendido como arte.

A artista é nascida no estado de Minas Gerais, graduada em arquitetura, artes plásticas e doutora em artes. Rennó se reconhece como uma fotógrafa que deixou de fotografar para trabalhar com um material já existente, encontrado em arquivos abandonados, registros criminais, mercado de pulgas, álbuns de família, colecionando esses materiais e fazendo um agenciamento crítico dos mesmos. Creio que essa característica presente



em muitos trabalhos de Rennó, isto é, a de estabelecer uma leitura crítica de materiais visuais do passado, foi o que motivou o convite para que ela interviesse no Acervo de Eva Klabin.

O que me motiva a trazer *Círculo Mágico* como meu disparador, é como esse monólogo proferido pelos objetos sobre sua existência no passado e no presente pode levantar questões sobre a relação humana com o tempo e com a memória. Os objetivos deste trabalho são compreender a obra *Círculo Mágico* como uma escavação arqueológica no Acervo Eva Klabin e como a articulação criada por Rennó para estes objetos recuperados pode ser entendida como uma relação dialética com o passado.

Larry Shinner afirma que contemplar as pinturas do Renascimento de maneira isolada ou ler Shakespeare em uma antologia literária nos dá a falsa impressão de que o passado compartilhava a mesma noção de arte que nós no presente, como um âmbito composto por obras autônomas dedicadas à contemplação estética. A categoria das belas artes, porém, faz parte de uma construção histórica recente que remonta ao século XVIII, junto com outras categorias surgidas na época da Ilustração. A partir dessas ideias contextualizadas historicamente, foi criada a ilusão da arte como eterna e universal. Ainda deste período é a noção de arte como um prazer refinado e contemplativo, que retirou da arte seu contexto funcional. Esse prazer recebeu o nome de estética (Shinner *La invención del arte* 24). Para este trabalho, é essencial não perder de vista a ideia do sistema de arte como um conjunto de práticas, conceitos e instituições que forma uma rede de relações de poder.

Rosângela Rennó é mineira de Belo Horizonte, graduada em arquitetura, artes plásticas e doutora em artes. A artista se reconhece como uma fotógrafa que deixou de fotografar para trabalhar com um material já existente, encontrado em arquivos desprezados, registros criminais, mercado de pulgas, álbuns de família, etc. É por conta desta característica presente em muitos trabalhos de Rennó, a de estabelecer uma leitura crítica de materiais visuais do passado, que ela se encontra em lugar ideal para



discutir os operadores conceituais de Walter Benjamin. Como o próprio materialista histórico, Rennó, em suas obras, lê a história a contrapelo. A possibilidade de estabelecer uma estética construída no impasse do desmembramento da função social da fotografia é o que mantém o jogo de ambiguidade nas obras da artista (Gondim *A poética do não-dito* s/p.).

A perda da aura e da experiência

Ver requer uma união do que sabemos e acreditamos. Olhar é um ato de escolha. Como resultado dessa escolha, aquilo que vemos é trazido para o nosso alcance (Berger 8). Da mesma forma que as relações fundamentais de produção capitalista puderam ser analisadas por Karl Marx, que lhes deu prognósticos, ao longo dos séculos XIX e XX, novos processos de percepção se impuseram ao observador, com a modernização dos sentidos, e foram sinalizados por Walter Benjamin – meio século após Marx, tendo em vista que a superestrutura cultural muda mais lentamente que a base econômica (Benjamin “A obra de arte na era” 179).

Quando a câmera fotográfica passou a reproduzir a arte, o significado da mesma se fragmentou. Novos processos se impuseram à modernidade e foram analisados por Walter Benjamin: a perda da *aura* e da experiência; os ganhos das semelhanças e da arte como fotografia e cinema. A reprodução técnica da obra da arte, com o advento da fotografia, mudou a forma do homem de ver o mundo e as antigas percepções que ele possuía a respeito da arte. Estas provinham de conceitos tradicionais fundados na era moderna como criatividade, gênio, estilo, forma e conteúdo. Walter Benjamin propõe outros conceitos para entender as novas dinâmicas culturais impostas pelo advento da fotografia. Dois deles são *aura* e *autenticidade*.

Mas o que é, de fato, a *aura*? As primeiras formas de arte estavam a serviço de um ritual mágico ou religioso. Elas existiam para dar materialidade a uma função religiosa e, por isso, possuíam um espaço e função determinada. Quando a arte se emancipa dessa função de ritual, a partir da



Renascença, esse modo de ser aurático da obra não se destacou completamente de sua função de ritual, pois ainda possuía o valor único de *autenticidade* que, para Benjamin, se manifesta nas formas mais profanas do culto do belo.

No que consiste essa *autenticidade*? Toda reprodução de uma obra de arte apresenta uma perda: o aqui e agora da obra, sua existência única (Benjamin “A obra de arte na era” 181). “Por ser autêntica e única, cada pintura faz parte de uma inscrição espacial e temporal; ou seja, cada obra foi uma vez parte do local onde residiu e, além disso, deixa vestígios dos gestos imediatos do artista” (Berger 33). Essas características permitem-nos ver aquele momento do passado gravado no presente e, com isso, seu testemunho histórico. Com a reprodutibilidade técnica, passou a ser possível levar a obra de arte a lugares e situações antes inatingíveis, aproximando assim o receptor da obra. Pinturas que antes faziam parte dos tetos de uma catedral, por exemplo, hoje podem ser editadas, recortadas e colocadas na parede de uma sala, criando outras interações com o ambiente e atualizando o objeto. Esse novo tipo de circunstância desvaloriza o aqui e agora da imagem, ou seja, sua *autenticidade*. “É o conceito de *aura* que permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é a sua *aura*, o que altera o seu testemunho” (Benjamin “A obra de arte na era” 184).

Dentro desse contexto de resignificação da arte e, a partir do advento do aparato técnico fotográfico, John Berger assinala, assim como Benjamin, uma nova forma de lidar com a arte em relação ao seu original. Berger fala sobre um novo *status* atribuído à obra de arte original como reação ao declínio da *aura*: a *autenticidade* da obra do original reside agora no fato de ser ela original de uma reprodução, ou seja, o que nos impressiona como sendo único não mais se encontra no que a imagem nos fala, mas no que ela é (Berger 18). Para o autor, isso causa um novo processo de mistificação em relação à obra.



Benjamin resalta que o *valor de culto* presente na arte da Antiguidade foi alterado na atualidade para uma preponderância absoluta no *valor de exposição* da arte, atribuindo-lhe funções inteiramente novas. Essa nova configuração da obra de arte indicada por Berger, intrinsecamente relacionada a seu *valor de exposição*, passou a ser interpretada como uma relíquia, um objeto que possui uma atmosfera, porém criada em circunstâncias falsas. O valor da obra de arte viria de sua raridade e do preço referente a essa raridade no mercado. Contudo, a arte é tida como algo mais elevado do que o comércio, o que coloca seu preço de mercado advindo de um valor espiritual. Esse valor espiritual não pode mais ser explicado, na sociedade moderna, em termos da magia ou religião, o que confere essa atmosfera falsa à obra de arte (23).

É dentro dessa nova configuração conferida à obra de arte que “Círculo Mágico”, de Rosangela Rennó, está inserida. A coleção Eva Klabin possui o que a fundadora reuniu em sua casa - objetos de arte, móveis e utensílios que correspondiam à sua forma de vida naquela época. A artista cria um dispositivo técnico sonoro-luminoso que dá a objetos simples do dia-a-dia - desprovidos desse significado de relíquia - voz e *status* de obra de arte, ou seja, transpõe objetos de natureza cotidiana para o mundo da arte, desorganizando o próprio sentido do que pode ser entendido como arte. Rennó desestabiliza as concepções de arte vigentes em nosso mundo, deslocando nosso olhar para novas possibilidades.

Uma potente particularidade de Círculo Mágico - que não se apresenta em nenhuma outra obra de Rennó - encontra-se no fato de os objetos da exposição se tratarem de pertences da própria Eva Klabin e estarem expostos em sua antiga casa. Retomando o conceito de *autenticidade*, em que cada obra foi uma vez parte do local onde ela residiu e deixa vestígios imediatos dos gestos do artista, nos é permitido ver através dos objetos aquele momento do passado gravado no presente e, com isso, o testemunho daquela forma de vida. O observador, portanto, está em contato com elementos



próprios daquele tempo histórico. Ou seja, sua materialidade, seu aqui e agora, permanecem preservados e, com isso, seu testemunho.

A potência de “Círculo Mágico” está no seu procedimento. Colocar na boca do objeto as memórias de seu passado, a partir de uma linguagem norteadada pelo presente, permite ao observador ouvir ecos do passado que muito revelam sobre o espírito de uma época e uma forma de viver. Os objetos da exposição são pertences da própria Eva Klabin e estavam expostos em sua casa, deixando o observador em contato com elementos próprios de um tempo histórico. A materialidade desses objetos permanece preservada e, conseqüentemente, seu testemunho. Isso tem o efeito de abolir no tempo a distância entre o objeto histórico e o próprio ato de olhar para ele.

A dialética com o pasado

A crítica de Nietzsche sobre o historicismo, que é retomada por Walter Benjamin, é feita a partir da forma como o homem do século XIX olha para o passado: uma grande acumulação de dados que, com tempo e paciência, era passível de se conhecer como realmente foi. As *ruínas*, para Benjamin, são como uma alegoria, a presença de algo que está vivo no morto. As imagens se colocam em um momento único em que são indícios do passado e vislumbres do futuro. A partir destas ruínas, é possível ao materialista histórico – na figura de seu Anjo da História – fazer uma relação dialética entre passado e presente.

O Anjo da História vê uma catástrofe de ruínas acumuladas ao olhar para o passado. A tempestade o impede de acordar os mortos e juntar os fragmentos – que são recuperados por Rennó e contam algo sobre si para o espectador, refletindo sobre sua posição simbólica no passado e no presente. Esse exercício auto reflexivo traz ao espectador as próprias memórias do objeto e desperta cada um deles do seu passado e o os coloca diretamente no presente. A iluminação especial dos objetos simula o relâmpago que os



trouxe do já ocorrido para o agora, na intenção de traduzir esse momento único de passado e presente em uma *imagem dialética*.

Articular de forma inovadora com o presente o que está anônimo produz um efeito: um lampejo, a tradução de um momento único de passado e presente em uma imagem dialética. Benjamin defende que o passado não lança sua luz sobre o presente nem o presente lança luz sobre o passado, mas as imagens são aquilo em que o ocorrido encontra o agora em um lampejo, formando uma constelação. A memória torna-se um meio de iluminação recíproca de um passado e um presente como possibilidade de transformação individual, coletiva, estética e política.

O título “Círculo mágico” foi escolhido por Rosângela Rennó a partir de um texto de Walter Benjamin que diz que “o maior fascínio do colecionador é de encerrar cada peça num círculo mágico onde ela se fixa, se congela, no momento em que é atravessada pelo último calafrio – o da sua aquisição”. Entretanto, essa noção de “Círculo mágico” que acompanha a exposição é “ampliada e transformada”. (Projeto Respiração s/p.). Além desta relação entre colecionador e objeto, o círculo mágico que envolve a exposição de Rennó está na relação dialética que cada objeto estabelece com o passado. Esses objetos trazem ao presente camadas do passado do seu estado de pertencer a uma coleção. Eles contam a história da sua condição. É como se Rennó escavasse o acervo Eva Klabin e fizesse emergir através das histórias dos objetos a atualidade e o passado dos mesmos objetos, como formulam as operações conceituais de Benjamin. Quando refletem sobre sua existência dialética, ao mesmo tempo que presentificam tal processo, refletem sobre ele, fechando assim o Círculo Mágico.

Referências bibliográficas

Agnebin. Jeanne. “O que é a imagem dialética?”. Bernadete Ramos Flores e Patricia Peterle (organizadoras). *História da arte: imagem e memória*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.



V Congreso Internacional CUESTIONES CRÍTICAS

Rosario, 17, 18 y 19 de octubre de 2018

Benjamin, Walter. "Teses sobre o conceito da história". *Obras escolhidas*. Vol. 1. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1940. 222-232. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.

_____. "Origem do drama barroco alemão". Tradução, apresentação e notas: Sergio Paulo Rouanet. Coleção: ILANA BLAJ, 1984.

_____. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". *Obras escolhidas*. Vol. 1. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987. 165-179. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.

_____. "A pequena história da fotografia". *Obras escolhidas*. Vol. 1. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987. 165-179. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.

Berger, John. "Ver precede as palavras". In: *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 9-35.

Gondim, Rosemarv. "A poética do não-dito em Rosângela Rennó". Universidade Federal de Pernambuco, 2008. Web. <https://repositorio.ufpe.br>.

_____. "IMEMORIAL: fotografia e reconstrução da memória em Rosângela Rennó". *Estudos de Sociologia* 1. 17 (2013). Web. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235223/28248>

Projeto Respiração. "Círculo Mágico" de Rosângela Rennó. Fundação Eva Kablin, 2014. Web. <http://www.evaklablin.org.br>

Rennó, Rosângela. "Cicatriz – Fotografias do Museu Penitenciário e textos do Arquivo Universal". *Discursos sediciosos – Crime, direito e sociedade*. 4. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia, 1998. 15-20.

_____. Depoimento [abr. 1991] Entrevistador: Marcio Doctors. Rio de Janeiro. Projeto Respiração. 2014. Web. <http://evaklablin.org.br/acervo/rosangela-renno-circulo-magico>

Shinner, Lary. *La Invención del Arte. Una historia cultural*. Barcelona: Paidós, 2004. 21-37.